

## O CASTELO DE VIDRO

Quando recebi o convite para escrever sobre algum filme, para esta revista, respondi que precisaria pensar em qual deles eu escolheria. Levei alguns dias pensando na minha lista de filmes impactantes e revendo algum deles. Conversei sobre cinema com amigas e familiares, e o universo de possibilidades só aumentava. Por fim, escolhi o filme baseado no livro *Castelo de Vidro*, da jornalista Jeanette Walls, lançado em 2017 nos cinemas, e atualmente disponível na Netflix. A escolhe por esse filme se deve ao fato de a obra refletir sobre nossos padrões de educação e sobre os vínculos familiares construídos desde a infância com nossos pais, avós e irmãos.

A narrativa de Jeanette sobre seus pais — Rex e Rose Mary — e seus irmãos — Lori, Brian e Maureen — mostra toda a sua sensibilidade e sua força, com relatos de muita dor, sofrimento, fome e desamparo. São lembradas cenas tocantes de uma infância e uma juventude onde o cuidado e a proteção dos filhos não foram favorecidos. Jeanette recorda-se da mãe, artista, pintando um quadro e negligenciando o pedido dela por comida. Ela se queima no fogão ao preparar salsichas, com apenas 4 anos de idade, pois Rose Mary respondeu ao pedido da menina dizendo que não poderia parar a pintura e que ela poderia preparar sua própria comida.

Em contrapartida, o pai, Rex, tem forte presença e conexão na vida de Jeanette e abusa de jargões como “vocês aprenderão vivendo... o resto é mentira” ou “é a luta que dá a ela sua beleza”, tentando consolar a filha das queimaduras na barriga por conta do episódio no fogão. Absurdos e exageros de uma família nada convencional que vive desabrigada, mudando de lugares e vivendo no sonho de construir uma casa com paredes de vidro; sonho esse que nunca sai dos desenhos do pai, que parece ter sofrido abuso da própria mãe e vive às voltas com sua dependência do álcool.

Em uma das cenas, Rex, arrependido de ter bebido e voltado para casa sem comida, diz à filha, já com aproximadamente 9 anos de idade, para pedir o que quiser que ele fará; ela pede para ele parar de beber e diz: “quando você bebe, não consegue cuidar de nós”. As passagens do filme revelam uma relação de confiança e decepção constantes entre esse pai e essa filha destemida, forte, criativa e que sempre “carrega o pai nas costas” — expressão do próprio Rex.

A delicadeza e a força das personagens intérpretes, da infância até a juventude, são encantadoras e me levaram às lágrimas várias vezes. É difícil não chorar diante do amor dessa filha por seu pai e da dor das necessidades básicas não atendidas.

A união entre os irmãos e a forma como se cuidam e se protegem é comovente. Em uma família, todos os vínculos são importantes, as relações entre irmãos são vividas com amor e complexidade, influenciando na construção de identidade

**MATHILDE  
RIBEIRO MACHADO**

*Instituto Noos,  
São Paulo, SP, Brasil*

de cada um. Os irmãos, então, se unem e fazem um pacto, proposto por Jeanette, de não se largar. Cumplicidade, amizade, memória afetiva, brincadeiras, perrengues e narrativas que foram se repetindo estabelecem um forte vínculo entre os irmãos que permanecem unidos na maturidade.

O filme transcorre com as memórias de Jeanette que, já bem-sucedida trabalhando em um jornal, se sente dividida ao escolher um casamento com um jovem e um tipo de vida antagônico àquele que o pai pregou a vida toda. As lembranças e as tentativas de comunicação com os pais, que nessa época ocupavam um prédio abandonado em Nova Iorque, são ainda mais traumáticas. A meu ver, parece que a cumplicidade e a união dos irmãos certificam os “valores” da família que sempre existiu, apesar do caos estabelecido pela mãe e pelo pai.

Penso que o filme quer mostrar que o amor prevalece, mas a história tem muitas camadas sobre as quais refletir, desde a maternagem e o cuidado na primeira infância, até relacionamentos abusivos, criação de filhos, influência dos avós, traumas, desamparo, luto, entre outros.

Eu não li o livro, contudo o filme vale a pena pelos temas abordados e pela belíssima interpretação dos personagens. Ao final, após as legendas do filme aparece a frase: “para todas as famílias que, apesar de suas cicatrizes, ainda encontram uma maneira de amar”. Gostei!

---

### **MATHILDE MACHADO (TUTTI)**

Educadora, terapeuta de casal e família, integra a Equipe de Coordenação da Clínica Social e é Facilitadora do módulo de Família de Origem do Terapeuta (FOT), do Curso de Introdução às Práticas Dialógicas e à Abordagem do Diálogo Aberto, do Instituto Noos.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0056-3175>

E-mail: [mathilde.mm72@gmail.com](mailto:mathilde.mm72@gmail.com)